Soja na Argentina

Conjuntura de incerteza

Glauber Silveira[1]
Fabricio Rosa[2]

PARA CUMPRIR mais uma etapa do projeto Soja Brasil – que, apesar do nome, adquiriu caráter internacional –, em meados de fevereiro último, viajamos para a Argentina. Já no ano passado, apenas para registrar, tivemos a oportunidade de visitar os Estados Unidos e apresentamos um breve relatório na ***Agroanalysis***.

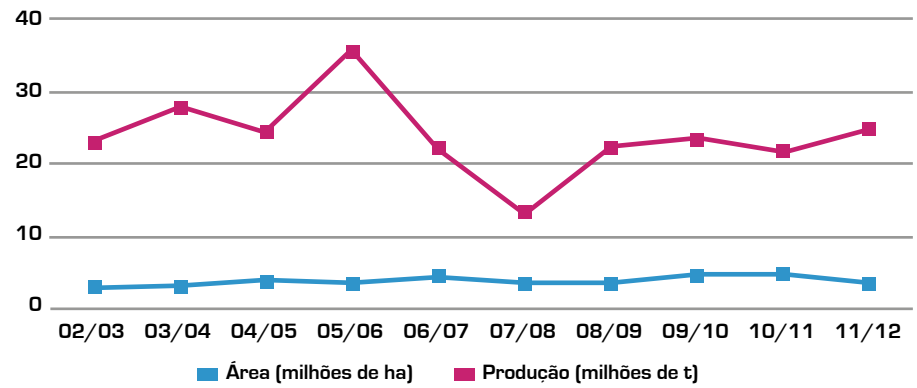
Saímos da capital Buenos Aires rumo à cidade de Lincoln, oeste da província de Buenos Aires, e chegamos a Venado Tuerto, no sul da província de Santa Fé. Cruzamos por Villa María, no sudeste de Córdoba, e regressamos, pelas autopistas de Rosário (província de Santa Fé), à capital Buenos Aires. Estas províncias correspondem a 76% da área de soja do país, estando 29% em Buenos Aires, 28% em Córdoba e 19% em Santa Fé. Durante esse percurso, de mais de 1.500 quilômetros, paramos e conversamos com diversos produtores e instituições.

Vários motivos impedem os agricultores argentinos de realizar uma colheita recorde nesta temporada 2012/13: chuva na hora do plantio, queda de granizo e estiagem prolongada. Constatamos *in locus* o tamanho dos estragos provocados no campo. Na soja e no milho, a quebra foi de 23% e 31%, respectivamente. Uma situação muito próxima da assistida na região Sul do Brasil, onde 35% da safra 2011/12 foram perdidos devido à seca.

Na verdade, a agricultura argentina amarga duas temporadas seguidas com acúmulos de prejuízos, pois, na safra 2011/12, também houve perdas significativas. Os prejuízos contabilizados com a soja variam de R$ 200 a R$ 300 por hectare nesta safra 2012/13. A situação é dramática. Há de se considerar o estrago registrado na safra 2008/09, quando ocorreu a estiagem mais rigorosa desde 1961, ainda não superado. Por isso, os produtores argentinos estão no limite de seu esgotamento econômico.

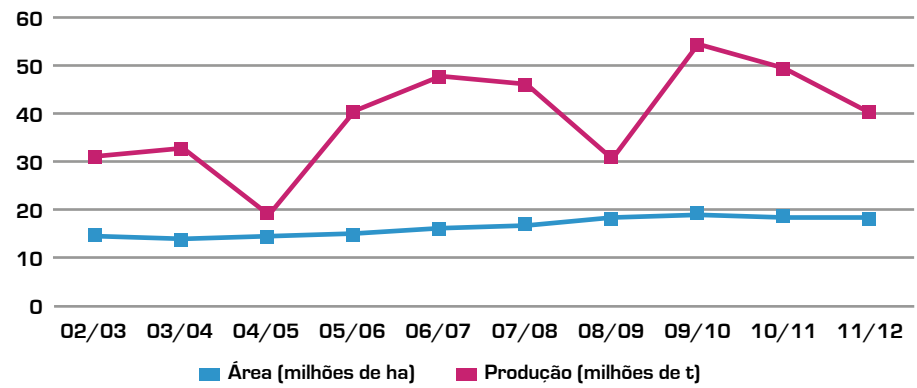
Ficou forte a imagem de grande incerteza dos produtores quanto à tomada de decisão para a próxima safra, de 2013/14. Em algumas regiões, ocorre uma falência generalizada e muitos agricultores abandonam a atividade.

Argentina: Área e produção de milho



Fonte: SGAPA

Argentina: Área e produção de soja



Fonte: SGAPA

Custo do Arrendamento

Na Argentina, a logística não é um problema como ocorre fortemente no Brasil. As estradas são ótimas. Cerca de 80% da produção de soja estão concentrados a menos 400 quilômetros de algum porto de exportação. O resultado é um baixo custo com frete, cerca de 50% mais barato em relação ao praticado em algumas regiões do Brasil.

Se, por um lado, a eficiência logística garante enormes vantagens competitivas aos agricultores argentinos; por outro lado, o câmbio desvalorizado, a pressão

Pressão inflacionária e as *retenciones*

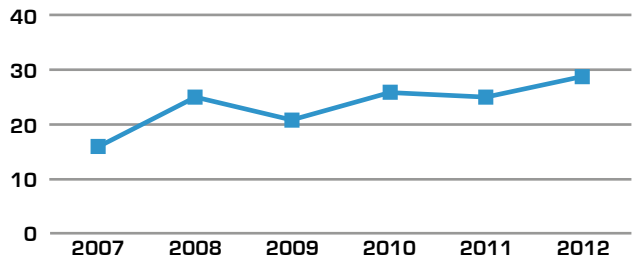
Enquanto o clima desfavorável causa frustração na produção de grãos, a conjuntura macroeconômica difícil da década passada agravou-se nos últimos cinco anos, após a crise financeira internacional de 2008.

O país amarga uma persistente tendência de crescimento na taxa de inflação, segundo o Centro de Pesquisa Financeira da Universidad Torcuato Di Tella de Buenos Aires (CIF-UTDT). O impacto é direto sobre 40% dos custos de produção da soja, representados pelo frete e pelas operações agrícolas, que são pagas em moeda corrente (peso argentino).

Por sua vez, as *retenciones* nas exportações agropecuárias da Argentina fazem parte das práticas de intervenção governamental na atividade primária. É algo similar às políticas de confisco cambial praticadas pelo Brasil na cafeicultura para estimular a industrialização do País. A taxa atual de exportação (*retenciones*) é de 35%, mas já foi maior. Além delas, existe ainda mais o imposto de renda, correspondente a 5%. No total (*retenciones* e imposto de renda), o governo arrecada 40% dos ganhos auferidos pelos sojicultores argentinos com as exportações.

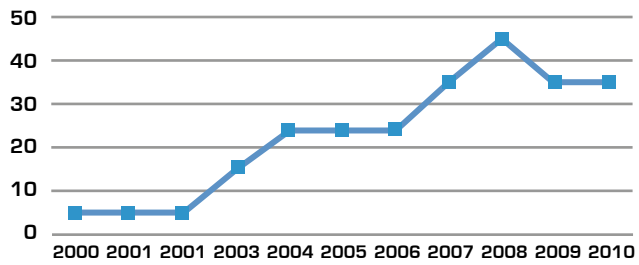
Na hipótese de um preço correspondente a US$ 30 para a saca de soja, o governo Kirchner ficaria com US$ 10,5, pela aplicação das *retenciones* e mais US$ 1,5 devido ao imposto de renda. No Brasil, os produtores conhecem muito bem essa história. Algumas regiões, nos últimos dez anos, perderam 50% dos produtores que nela mantinham atividade pelos mesmos motivos. Em Campos de Júlio, no estado do Mato Grosso, por exemplo, de 2003 aos dias atuais, a quantidade de produtores caiu de 166 para apenas 47 produtores, sendo que a metade destes não reside no município e, como consequência, boa parte das áreas é absorvida por grandes grupos.

Argentina: Evolução da taxa anual de inflação (%)



Fonte: CIF-UTDT

Argentina: Evolução do imposto de exportação da soja (%)



Fonte: Globaltecnos

dos índices inflacionários e a política tributária imposta pelo governo comprometem o desempenho do setor.

Em termos da estrutura fundiária, o tamanho médio das propriedades argentinas varia entre 300 e 600 hectares. Apesar da presença de grandes grupos econômicos, a maioria dos produtores não produz em grandes áreas. Nesse aspecto, existe certa semelhança com a região Sul do Brasil.

Além disso, o arrendamento chega a atingir até 60% da área da sojicultora argentina, com preço no intervalo de 30 a 44 sacas, conforme a produtividade apurada na área. É o oposto daquilo verificado no Brasil, onde o proprietário fica com a maior parte do lucro, enquanto quem produz assume todos os riscos. Nos últimos dez anos (entre as safras 2001/02 e 2011/12), o custo médio do arrendamento apresentou uma trajetória de crescimento, de 19 sacas para 30 sacas.

Nessa passagem pela Argentina, tivemos a oportunidade de conversar com os dirigentes da Associação Argentina de Consórcios Regionais de Experimentação Agrícola (AACREA). São empresários que compartilham as experiências e resultados dos seus trabalhos. Trata-se de um aprendizado coletivo. Juntos, fizemos algumas contas elementares.

Pelo levantamento da Globaltecnos, empresa de consultoria parceira da AACREA, os produtores argentinos deparam-se, na soja, com um custo direto médio de 23 sacas por hectare. Para 2013, o valor previsto para o arrendamento é de 33 sacas.

Argentina: Previsão da safra de soja (2012/13)

	Valores	Unidade
Área inicial estimada	19,7	milhões de ha
Redução de 2,2% não plantada	19,3	milhões de ha
Redução de 6,7% com os alagamentos	18,0	milhões de ha
Produtividade máxima estimada	2,80	t/ha
Produtividade mínima estimada	2,67	t/ha
Produção estimada – limite superior	50,3	milhões de t
Produção estimada – limite inferior	48,0	milhões de t

Fonte: Ministério da Agricultura da Argentina

Portanto, o custo total é de 56 sacas por hectare. Em ano normal, com produtividade de 63 sacas por hectare, a receita líquida do arrendatário fica na base de 7 sacas das 63 produzidas.

Produção indefinida

Quanto às estimativas de safra, até novembro, os argentinos previam uma produção recorde de 54 milhões. Em dezembro, veio o excesso de chuva, com alagamentos em várias regiões. Como resultado, dos 19,7 milhões de hectares potenciais, 2,2% deixaram de ser plantados e 6,7% ficaram comprometidos com os alagamentos. Ficou uma área estimada de 18 milhões de hectares para ser colhida, segundo números do Ministério da Agricultura da Argentina.

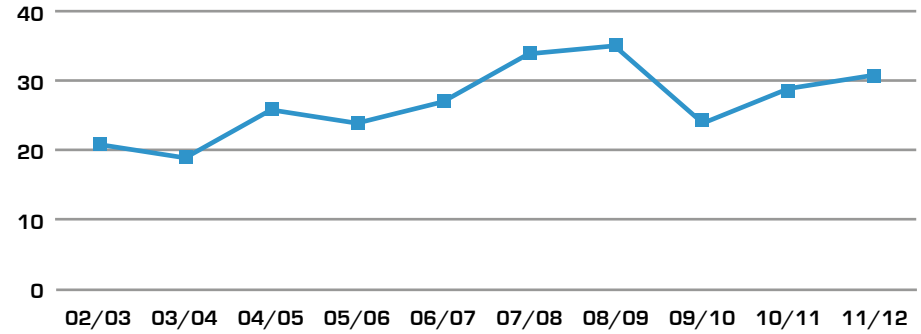
Efetivamente, o prolongamento das chuvas variou entre dez e trinta e seis dias conforme a região. Isso atrasou o plantio em 28% das áreas. Na continuação, houve um período sem chuvas próximo de quarenta e cinco dias, segundo relatos de alguns produtores. Devido a tudo isso, as lavouras já apresentam perdas de produtividade entre 15% a 50%. O impacto é maior nas áreas mais ao norte, em virtude da seca mais intensa. Dados de institutos de pesquisa da Argentina apontam quedas em torno de 30 quilos por dia de atraso, ou seja, se as chuvas duraram trinta dias, perdeu-se 15 sacas.

Não bastasse a inundação das áreas, depois veio a seca: em algumas regiões, passa de sessenta dias sem chuva. Na província de Santa Fé, que faz fronteira ao sul com a província de Buenos Aires, algumas áreas viram as últimas chuvas em 15 de dezembro, o que já se traduz em quebras de 30 a 40% em produtividade.

A colheita argentina, em virtude de todos esses problemas, antes estimada em 55 milhões de toneladas, não deve passar dos 48 milhões. A produtividade média não deve ficar muito acima das 2,6 toneladas por hectare, em razão das áreas piores. As províncias de Tucumán e Santiago foram bastante afetadas e são onde os produtores devem ter as maiores perdas.

Após o cotejamento destes números, sobram poucas dúvidas de que, ao acumular safras seguidas de frustrações, diante dos custos de arrendamento, da arrecadação dos impostos diretos e de uma inflação persistente, o cenário de produção fica cinzento na Argentina. ■

Argentina: Custo do arrendamento da soja (sacas de soja)



Fonte: Globaltecnos

1 Engenheiro agrônomo, produtor rural e presidente da Associação Brasileira de Produtores de Soja (Aprosoja Brasil)
2 Diretor da Aprosoja Brasil

Áreas atingidas por alagamentos e seca – Província de Santa Fé





FABRÍCIO ROSA